

UMA ANÁLISE DA RESPOSTA DO OCIDENTE À INVASÃO RUSSA DA UCRÂNIA SOBO PRISMA DA TRINDADE DA GUERRA DE CLAUSEWITZ

Emerson Luis de Araújo Pângaro¹

Leandro Leite de Almeida²

Felipe Pereira Barbosa³

RESUMO

A invasão da Ucrânia por tropas russas no final de fevereiro de 2022 trouxe o mundo ao perigo de uma nova polaridade: Rússia x Países Ocidentais liderados pelo bloco da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Fatores históricos, a importância geográfica da Ucrânia para Rússia e o risco que as nações ocidentais veem na expansão territorial russa rumo ao leste europeu tornam a solução do conflito cada vez mais complexa. Diante desse quadro sombrio, o ocidente vem adotando soluções para tentar desestimular a invasão russa sem o emprego de tropas da OTAN em apoio ao Exército Ucrainiano. Este artigo busca traçar cenários de possíveis estratégias a serem adotadas pelos países ocidentais, com enfoque nos integrantes da OTAN, por meio da análise da trindade da guerra de Clausewitz.

Palavras-chave: Ucrânia; OTAN; Rússia; Clausewitz; Trindade Clausewitziana.

¹ Instituto Meira Mattos (IMM), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: e.pangaro@gmail.com – ORCID <http://orcid.org/0000-0002-7589-8957>.

² Instituto Meira Mattos (IMM), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: le39bil@bol.com.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2465-5899>.

³ Instituto Meira Mattos (IMM), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: aspcavfelipe@hotmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8717-7006>.

INTRODUÇÃO

No dia 24 de fevereiro de 2022, a Rússia, completados oito anos da anexação de península da Crimeia, invadiu o território ucraniano por três frentes de batalha (FILHO, 2022). De imediato, a ação russa foi reprovada pela comunidade internacional. Uma reunião emergencial foi acionada na Organização das Nações Unidas (ONU) quatro dias após o evento. Por onze dos quinze votos, a agressão russa foi desaprovada pela ONU no Conselho de Segurança (CS), órgão responsável pela manutenção da paz no mundo (BERQUÓ, 2011). A Rússia, como membro permanente, utilizou de seu poder de veto para tornar sem efeito a resolução.

O território, que hoje constitui a Ucrânia, tem uma ligação histórica com a Rússia. Pertenceu aos russos por um longo período, desde os tempos de Pedro, O Grande, no século XVII até o desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no ano de 1991 (MACHADO, 2020). A península da Criméia, importante saída da frota russa para o mar Negro e, localização estratégica para a marinha russa, que possui uma base naval na cidade de Sebastopol, foi cedida à Ucrânia em 1954 pelo líder soviético Nikita Krushev (TREVINO, 2014).

Com o fim da URSS e a independência da Ucrânia, os presidentes Boris Yeltsin, da Rússia, e Leonidas Kravchuk, da Ucrânia, fizeram um acordo para manutenção da base naval de Sebastopol até 2017. Em 2010, o presidente russo Vladimir Putin e o presidente ucraniano Viktor Yanukovich assinaram um novo acordo para permitir a frota russa do Mar Negro a utilizar a base naval de Sebastopol até 2042 em troca de uma redução do valor pago pela Ucrânia no preço do gás russo (TREVINO, 2014).

Em 2004, após a revolução laranja, que foi um conjunto de manifestações populares em apoio ao candidato da oposição, Viktor Yushchenko, a Ucrânia passou a ser governada pela primeira vez, desde 1991, por um presidente pró-ocidente (WOLCZUK, 2005). A perda da influência russa sobre a Ucrânia, sua aproximação à União Europeia e a hipótese de admissão na OTAN, fez acender a luz vermelha em Moscou, que fica a menos de quinhentos quilômetros da fronteira ucraniana, ou seja, dentro do alcance de baterias de mísseis balísticos (FILHO, 2022).

Além de sua importância estratégica como área “tampão” entre a Rússia e a OTAN, a Ucrânia tem relevante papel econômico para Moscou como rota de passagem de seus dutos de gás para a Europa ocidental (MILHAZES, 2021). A manutenção da Ucrânia na esfera de influência russa atende ao escopo

das prioridades estratégicas nacionais definidos na Estratégia de Segurança Nacional da Rússia: defesa do país e segurança econômica (RÚSSIA, 2021).

A Federação Russa, possuidora do segundo maior poderio militar do mundo e um dos cinco maiores orçamentos militares dos últimos anos (SIEMON, 2020), é dona de um dos maiores arsenais nucleares do mundo, com cerca de seis mil ogivas. A confrontação direta a esse “leviatã” poderia levar o mundo a um conflito nuclear sem precedentes.

Como combater um inimigo com tamanho poderio nuclear? Essa pergunta permeia os membros da OTAN. A resposta passa obrigatoriamente pelo estudo das teorias de guerra e, conseqüentemente, por Clausewitz. Esse prussiano, em sua obra postumamente publicada *Da Guerra*, estudada na maioria dos exércitos ocidentais, aponta-nos para a existência de três elementos fundamentais em qualquer conflito: o acaso, a violência e a razão. Cada um desses elementos sendo interpretados como as Forças Armadas, o Povo e o Governo respectivamente. A eles deu-se o nome de Trindade da Guerra de Clausewitz (MOITA; FRANCHI, 2021).

Dessa forma, à luz da Trindade da Guerra de Clausewitz, este artigo buscará analisar as medidas adotadas pelos países ocidentais, com enfoque aos pertencentes à OTAN, para buscar uma solução do conflito entre Rússia e a Ucrânia.

1 - AS RAÍZES CULTURAIS DA RÚSSIA E DA UCRÂNIA

O conflito Rússia-Ucrânia tem razões históricas e econômicas. A formação dos povos russo e ucraniano remonta ao século XII, quando o Principado de Kiev se fragmentou em diversos outros principados, destacando-se o de Vladimir Susdália, origem do povo russo e o de Galícia-Volínia, origem do povo ucraniano (GRANADOS, 2007). O cristianismo ortodoxo foi adotado pelos povos pertencentes aos Principado de Kiev desde o século X por influência do Império Bizantino (MACHADO, 2020). As invasões mongóis ocorridas no século XIII (MACHADO, 2020) trouxeram conseqüências distintas para cada um desses dois principados. O de Vladimir Susdália foi mais receptivo à cultura mongol enquanto o de Galícia-Volínia demonstrou maior resistência e manteve seus traços culturais (GRANADOS, 2007).

Entre os séculos XIII e meados do XVI, o Principado da Galícia-Volínia foi dominado pela Polônia e pela Lituânia (GRANADOS, 2007). A autonomia dos povos da Galícia (ucranianos) foi respeitada até 1569, quando ocorreu a assinatura do tratado de Lublin, união da Lituânia com a Polônia, causando a submissão de quase todo o território ucraniano

ao governo de Varsóvia (BORUSZENKO, 1967). Ao mesmo tempo, o Principado de Vladimir Susdália ficou sob o jugo do Império Mongol até a sua libertação em 1480 (HOSKING, 1997). Em 1547, Ivan IV foi coroado czar e deu início à formação do futuro Império Russo (HOSKING, 1997).

A servidão imposta por Varsóvia criou as condições para o surgimento dos Cossacos, homens que desejavam uma vida livre e independente (TREVINO, 2014). Os Cossacos migraram para a região do baixo Dnieper. A crescente ocupação dessa área gerou o embrião de um novo Estado independente: a República dos Cossacos Ucranianos, fundada em 1648 sob a liderança de *Hetmans*, ou seja, de chefes militares (BORUSZENKO, 1967). O território que hoje engloba a Ucrânia e o seu povo passou a ser composto de duas regiões: a ocidental e a oriental.

A reação polonesa para manter a República dos Cossacos sob sua influência forçou o incipiente Estado criado na porção oriental da Ucrânia a buscar ajuda do Império Czarista Russo. O resultado dessa aproximação foi o tratado de Pereiaslav de 1654, com a união de Moscou e o Hetmanado Ucraniano (GRANADOS, 2007). Progressivamente, os czares russos foram integrando o povo ucraniano oriental à cultura russa. No início do século XX, foi retirada a autonomia do Hetmanado Ucraniano que se tornou mais uma província do Império Russo. Essa região, predominantemente ao lado oriental do rio Dnieper, passou a ter em seu povo laços culturais mais associados à Rússia (KUBICEK, 2008).

Figura 1 - Mapa da expansão russa na Ucrânia entre 1775 e 1795



Fonte: KUBICEK (2008)

A região de Galícia-Volínia, porção ocidental do território da atual Ucrânia, ficou sob a influência polonesa e, mais tarde, com a fragmentação desse Estado, sob o domínio do império Austro-Húngaro. Essa situação perdurou até a revolução russa de 1917, quando os ucranianos tiveram sua independência e, finalmente, em 1919 obtiveram sua integridade política geográfica ressurgida sob a denominação da República Nacional Ucraniana (BORUSZENKO, 1967). A península da Criméia, última porção do atual território ucraniano foi transferido pela Federação Russa para a Ucrânia no contexto da União Soviética em 1954, por meio de uma decisão do líder soviético Nikita Krushev (KUBICEK, 2008). Sua constituição geográfica permaneceu de 1991 até 2014 conforme o mapa:

Figura 2 - Território da Ucrânia entre 1991 e 2014



Fonte: BING IMAGES

2 - CLAUSEWITZ E A TRINDADE DA GUERRA

O prussiano Carl Von Clausewitz é, possivelmente, o mais influente pensador militar da história. Sua época foi marcada pela transição entre a Idade Moderna e a Contemporânea, os eventos da Revolução Francesa e a ascensão do gênio militar corso, Napoleão Bonaparte. Para Herbert (2007), a teoria de Clausewitz foi profundamente influenciada pelos métodos de guerra napoleônicos.

Em suma, Clausewitz viveu em um mundo de transformações, sejam elas de cunho econômico, político, social ou tecnológico. Seus ensinamentos estão reunidos no livro *Da Guerra*, obra publicada postumamente por sua esposa, Marie Von Clausewitz, em 1832, que organizou os manuscritos que seu marido produziu ao longo de sua vida profissional (CLAUSEWITZ, 1989).

Entre seus principais conceitos estão a névoa, a fricção, a diferença entre a guerra absoluta e a guerra real, o relativismo histórico e a relação dinâmica entre defesa e ataque. Entretanto, é mais conhecido por ter atribuído à guerra um sentido político, ou seja, uma continuação desta por outros meios. Nesse sentido, Clausewitz traz o conceito da Trindade Paradoxal ou Trindade da Guerra, que ele define:

A guerra é mais do que um verdadeiro camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação. Como um fenômeno total, as suas tendências predominantes sempre tornam a guerra uma trindade paradoxal - composta da violência, do ódio e da inimizade primordiais, que devem ser vistos como uma força natural cega, do jogo do acaso e da probabilidade, no qual o espírito criativo está livre para vagar; e dos seus elementos de subordinação, como um instrumento da política, que a torna sujeita apenas à razão. (CLAUSEWITZ, 1989, p.92)

Dentro desse conceito, alguns especialistas divergem quanto à interpretação da Trindade Paradoxal. Para Strachan (2007), os elementos da Trindade não devem ser entendidos como sendo o povo, as Forças Armadas e o Governo, pois esses seriam elementos do Estado, não da Guerra. Para o autor, os elementos são o ódio, a sorte e a razão, associados, respectivamente, à paixão do povo, ao comandante e seu exército e à direção política do governo.

Já para Hoffmann (2019), a Trindade é uma interação de três partes de forças. A primeira seria a força irracional: violência primordial, ódio e inimizade. A segunda está relacionada com a força não-razional: o jogo do acaso e a probabilidade e o gênio do comandante. Ao passo que a última é a força puramente racional: a subordinação da guerra à política e à razão. Assim, a interação desses três elementos influencia a violência que existe dentro da Trindade.

Enquanto para Souchon (2020), a Trindade é um método de pesquisa que possibilita uma compreensão holística da situação do

conflito. Esse é o motivo de ser uma trindade e não uma tríade. Souchon (2020) complementa que a capacidade de conceber a trindade em um sistema tridimensional ajuda a analisar as origens e características da guerra e suas interações dinâmicas em termos quantitativos e qualitativos.

Muito se tem conjecturado se a obra de Clausewitz ainda é atual. É fato notável que a guerra evoluiu desde as guerras do início do século XIX, seja pelo incremento tecnológico ou tático. Entretanto, de acordo com Ferezin (2012, p.16), “a trindade pode mudar radicalmente de caráter, adaptando-se ao contexto histórico, político e social de cada tempo, visto que a natureza da guerra é determinada por um conjunto de forças sociais e pelo espírito de sua época”.

Nesse contexto, o presente trabalho parte do pressuposto que a Trindade de Clausewitz continua atual e aplicável no conflito entre a Rússia e a Ucrânia. A relação entre seus elementos integradores constitui-se uma excelente ferramenta para analisar a dinâmica do fenômeno da guerra.

3 - ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN) E SUA ATUAÇÃO NO LESTE EUROPEU

Criada em 1949, no contexto da Guerra Fria, a Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma aliança militar idealizada pelo Tratado de Washington para se contrapor ao crescimento da influência da União Soviética na Europa do pós-2ª Guerra Mundial. Ela é uma aliança militar para garantir a segurança coletiva de seus membros (BERTAZZO, 2010).

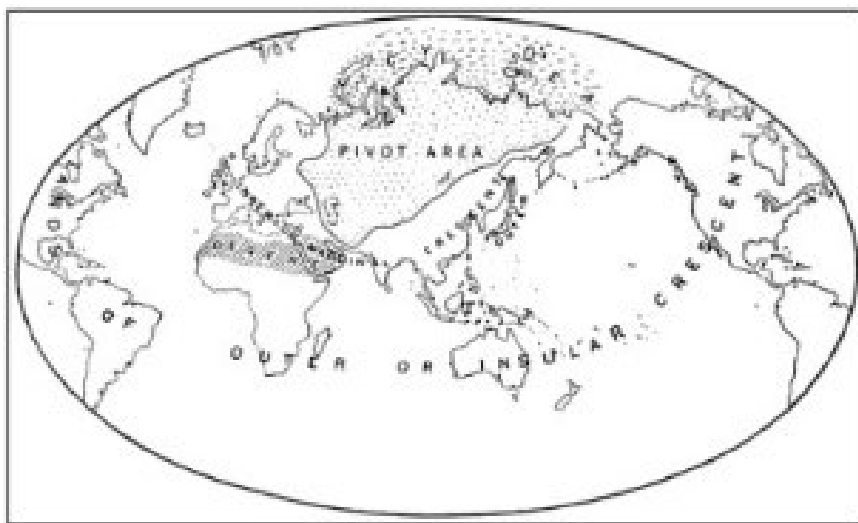
No contexto da época de sua criação, a Europa, principal teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, encontrava-se em reconstrução. As principais potências da velha ordem mundial: França, Alemanha e Reino Unido, estavam sofrendo as consequências do grande volume de recursos gastos no esforço de guerra e dos efeitos da destruição causada em seus territórios durante o conflito (KISSINGER, 2015).

O mundo, então, passou a ser regido por duas potências: Estados Unidos e União Soviética. O espectro ideológico regia as relações entre as nações: de um lado o bloco capitalista liderado por Washington, e do outro, o socialista, capitaneado por Moscou. Samuel Huntington (1993), em seu artigo que posteriormente se tornou a obra *O Choque das Civilizações*, denomina esse período, que perdurou até 1991, como sendo de conflitos baseados em ideologia.

A União Soviética, como grande potência terrestre europeia, expandiu suas fronteiras e sua ideologia pelo continente. Chegou a

dominar um sexto da superfície da terra com cerca de vinte e dois milhões de quilômetros quadrados (DEWDNEY, 2013). Halford John Mackinder, geopolítico inglês da primeira metade do século XX, desenvolveu a teoria do poder terrestre publicada em sua obra *The Geographical Pivot of History*. Nesse livro, Mackinder criou o conceito de Heartland ou área pivô, que devido a sua importância estratégica e econômica permitiria ao seu detentor a dominância de toda a eurásia ou “Ilha Mundo” e, por consequência, do mundo. Na teoria de Mackinder, o *Heartland* da Europa é a região que engloba os atuais territórios da Rússia e da Alemanha. A expansão da União Soviética, no período após Segunda Guerra Mundial, portanto, significava, de acordo com a teoria de Mackinder, uma ameaça a toda a Europa e ao restante do mundo (BEZERRA, 2019).

Figura 3 - Área Pivô de Mackinder



Fonte: MACKINDER (1904)

Os Estados Unidos, em contrapartida, como a outra potência nessa ordem bipolar, buscavam se opor ao avanço soviético. Nicholas John Spykman, um geopolítico holandês radicado nos Estados Unidos, criou a teoria geopolítica do *Rimland* ou Fímbrias. De acordo com sua teoria, quem dominasse as fímbrias marítimas do continente europeu controlaria a “Ilha Mundo” eurásiana. Sua teoria serviu de base para a estratégia da contenção utilizada pelos Estados Unidos no período da Guerra Fria para frear o avanço da URSS (NASCIMENTO, 2021). Dessa forma, duas ferramentas

foram essenciais para a materialização da contenção soviética: a recuperação econômica da Europa Ocidental por meio do Plano Marshall de 1947 e a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949 (KAPLAN, 2019).

Os membros fundadores da OTAN: Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos se comprometeram a uma ajuda mútua no caso de uma agressão militar. Em 1952, a Grécia e a Turquia se juntaram à aliança militar, seguidas pela República Federal da Alemanha, em 1955, e pela Espanha, em 1982. (OTAN, 2009).

Seu principal órgão de decisão é o Conselho do Atlântico Norte. Cada país membro possui um representante com *status* de embaixador. O conselho se reúne uma vez por semana. Existem reuniões regulares dos ministros da defesa e algumas vezes dos Chefes de Estados dos países membros. A liderança da OTAN é exercida pelo Secretário-Geral, que é designado por um mandato de aproximadamente quatro anos. A OTAN não possui forças armadas próprias. A maioria de suas tropas permanecem sob o comando e controle dos países membros até serem designadas para missões de defesa coletiva ou missões de paz. Atualmente a aliança conta com trinta membros, sendo quatorze países filiados após o período da Guerra Fria em duas etapas de alargamento da OTAN, a primeira, em 1999, com a entrada da República Tcheca, Hungria e Polônia e, a segunda, em 2004, com a adesão da Bulgária, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia. A Albânia, Croácia, Montenegro e Macedônia do Norte conseguiram se vincular à OTAN recentemente ao completarem os requisitos previstos nas etapas de alargamento ocorridas em 1999 e 2004 (NATO, 2009).

A expansão da OTAN para os países do leste europeu, principalmente nos países bálticos, é um fator de preocupação para a segurança da Federação Russa. A possibilidade de instalação de mísseis balísticos nas portas de Moscou significa uma ameaça àquele país (BEZERRA, 2019). Outro ponto a ser ressaltado é que o aumento da esfera de influência da OTAN no leste europeu ocorreu justamente após o fim da Guerra Fria, principalmente com as vinculações ocorridas em 1999 e 2004 (NATO, 2009). Dessa forma, podemos observar um verdadeiro cerco da OTAN à Rússia em um momento histórico de poucas tensões entre essas partes.

4 - A RESPOSTA DA OTAN SOB O ENFOQUE DA TRINDADE DA GUERRA DE CLAUSEWITZ AO CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA

A trindade de guerra de Clausewitz se refere aos três elementos presentes em todas as guerras. Sua interpretação contemporânea de Harry

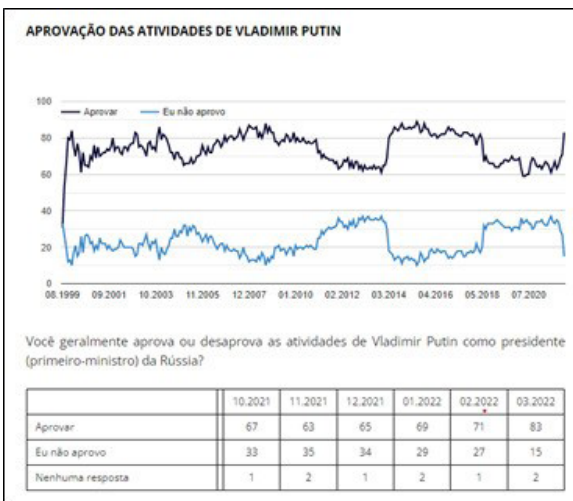
Summer na obra *On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War* de 1982 define os elementos da trindade da guerra como: o governo, o povo e as Forças Armadas (VILLACRES; BASSFORD, 1995). No conflito Rússia-Ucrânia, podemos identificar os vértices da trindade da guerra como: o Presidente Putin da Rússia, o povo russo e as Forças Armadas russas.

Da análise desses três elementos presentes no conflito Rússia-Ucrânia, os países membros da Aliança do Tratado do Atlântico Norte podem adotar os seguintes cenários como resposta à invasão russa da Ucrânia, à luz da trindade de guerra de Clausewitz:

- 1) Contribuir para a deposição do Presidente Putin e apoiar a ascensão de um governo substituto contrário à invasão da Ucrânia;
- 2) Impor uma derrota militar às Forças Armadas russas; ou
- 3) Moldar a opinião pública do povo russo para se posicionar contra o conflito.

Quanto ao primeiro cenário, cabe destacar que os índices de aprovação do Presidente Putin, no poder na Rússia desde dezembro de 1999, continuam altos mesmo durante o conflito. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Levada (CENTRO LEVADA, 2022), uma organização russa de pesquisa de opinião independente, demonstrou em seu relatório publicado no final de março de 2022 que o índice de aprovação do povo às ações do Presidente Putin subiu de sessenta e nove por cento em janeiro de 2022 para oitenta e três por cento em março de 2022, conforme demonstrado no quadro abaixo.

Figura 4 - Pesquisa do Centro Levada



Fonte: Centro Levada

Ressalta-se, ainda, que a oposição ao governo Putin foi enfraquecida ao longo das duas décadas que ele esteve no poder. Assim, sua deposição por pressão externa criaria um vácuo de poder na Rússia com consequências imprevisíveis e, talvez, com o efeito contrário à essa ação: um agravamento das hostilidades contra a Ucrânia em um quadro de disputa interna pelo poder na Rússia.

O segundo cenário traz como opção o enfrentamento militar direto e derrota das FA russas. A OTAN tem adotado uma postura conservadora em relação ao conflito. Seu apoio à Ucrânia tem sido restrito aos armamentos e aos equipamentos militares, como sistemas portáteis de defesa aérea, armas antitanques e armas portáteis, porém, sem o emprego de suas tropas (KUMAR, 2022).

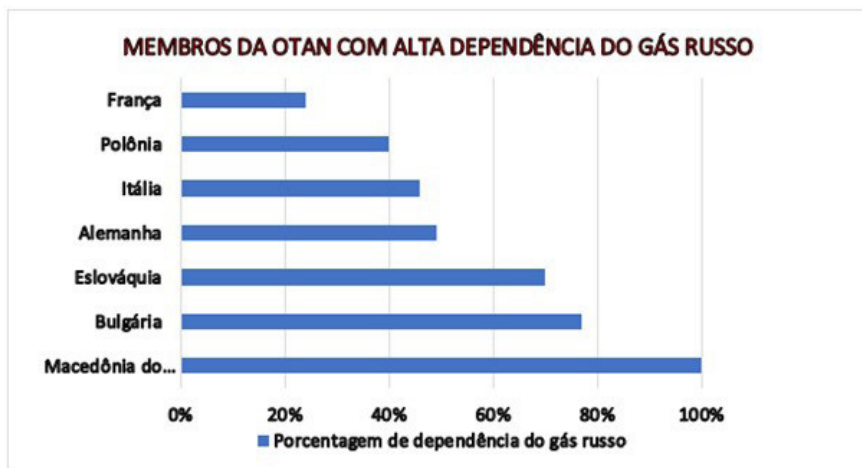
A Ucrânia não é membro da OTAN, portanto, não é protegida pelo artigo 5º dessa organização, que trata da defesa coletiva de seus membros:

Art. 5º: As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a ação que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte (NATO, 1949).

Uma intervenção militar direta da OTAN no conflito poderia escalonar para uma crise nuclear com repercussões sérias para toda a Europa. O porta-voz do governo russo, Dmitry Peskov, afirmou em algumas oportunidades, durante as primeiras semanas do conflito, que a Rússia somente utilizará armas nucleares se sua existência for ameaçada, não descartando, dessa forma, o emprego dessa alternativa (DUGGAN, 2022).

Outro aspecto relevante é a grande dependência dos integrantes da OTAN e das principais economias europeias do fornecimento de gás da Rússia. O gráfico da Agência da União Europeia para a Regulação de Energia demonstra o grau de dependência do gás russo para alguns países europeus (ACER, 2020):

Figura 5 - Dependência do gás russo pelos membros da OTAN em 2020



Fonte: Agência Europeia para a Regulação de Energia (ACER)

Dessa forma, uma campanha militar direta contra as FA russas poderia causar o bloqueio de fornecimento de gás para esses países e, por consequência, causar um impacto significativo na economia de todo o bloco. Ressalta-se, ainda, que uma campanha armada entre duas potências militares, a Rússia e a OTAN, em solo ucraniano, poderia causar danos irreversíveis à estrutura de dutos que cortam o país em direção ao ocidente europeu para fornecimento de hidrocarbonetos, conforme quadro abaixo (PIRANI; YAFIMAVA, 2016):

Figura 6 - Rede de dutos que atravessam o território ucraniano



Fonte: Oxford Institute for Energy Studies

O terceiro cenário traz a opção para a OTAN de buscar mecanismos de moldar a opinião pública russa para o fim das hostilidades e da invasão na Ucrânia. A atuação nesse vértice da trindade da guerra de Clausewitz oferece à OTAN uma gama de recursos. A União Europeia vem adotando algumas medidas que não só impactam no governo russo, mas também em seu povo. Dessa forma, internamente, busca-se gerar um clima de descontentamento popular contra a guerra. Entre as medidas mais contundentes, pode-se citar a retirada das instituições financeiras russas do sistema SWIFT (Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication), que reúne 11000 instituições financeiras e viabiliza a circulação de capitais financeiros entre as diversas nações do mundo (CNN, 2022). A retirada russa desse sistema tem impacto direto na economia do país, pois limita a forma de pagamento para importação/exportação de bens e serviços feitas pelo governo e, principalmente, por empresas e cidadãos russos.

O bloqueio de contas bancárias de magnatas russos tem sido adotado pelos países membros da OTAN e da União Europeia. Mesmo sendo uma prática questionável, uma vez que as hostilidades ocorrem entre nações e não entre indivíduos, alguns países como a Suíça têm bloqueado o acesso ao dinheiro de magnatas russos depositados em seu sistema bancário (CNN, 2022). A adoção dessas medidas visa a moldar a opinião pública russa, ou seja, de seu povo para ser contra o conflito, principalmente pelo desequilíbrio econômico interno causado por essas sanções. A França, Espanha, Itália e Reino Unido têm adotado a postura de bloquear uma série de bens particulares de bilionários russos supostamente ligados ao presidente Vladimir Putin. O caso mais emblemático é do russo Roman Abramovich, dono do clube de futebol do Chelsea, que teve seus bens confiscados no Reino Unido e, inclusive, não pode realizar a venda de seu clube de futebol até o fim das hostilidades (GLOBO, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

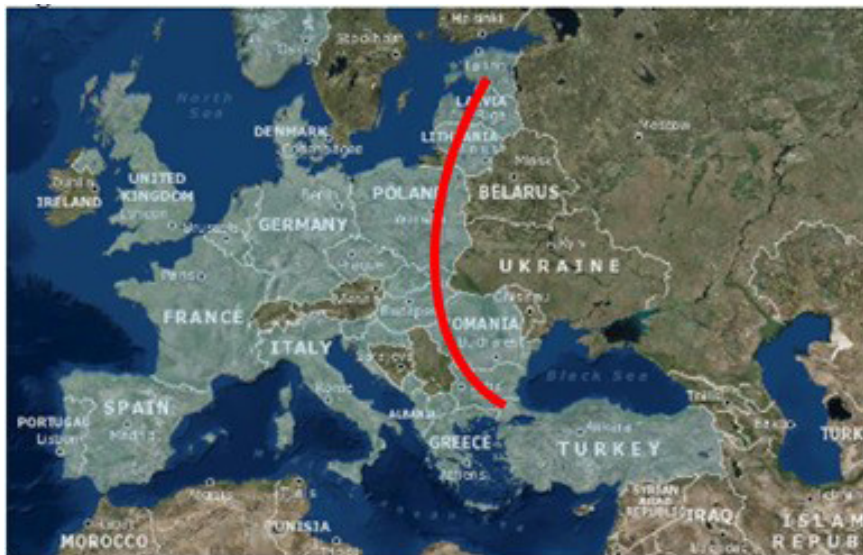
A Ucrânia e a Rússia possuem ligações históricas que remontam ao século XII. Os dois povos surgiram do desmantelamento do Principado de Kiev ou Rus de Kiev dando origem as suas raízes culturais (GRANADOS, 2007). Ao longo da história, os territórios ucranianos ao leste do rio Dnieper, que divide a Ucrânia em duas partes, foram dominados pelos czares russos (KUBICEK, 2008). Por esse motivo, a ligação cultural entre o povo ucraniano ao leste do rio Dnieper e a Rússia é mais forte. A península

da Criméia, saída estratégica para os mares Negro e de Azov pertenceu à Rússia até 1954, quando o líder soviético Nikita Kruschev resolveu entregar essa área ao domínio ucraniano. Hoje essa região ocupa lugar de destaque na escalada das hostilidades entre a Rússia e a Ucrânia. Em 2014, o presidente Vladimir Putin, por meio de uma ação militar, invadiu a Criméia para garantir a livre utilização da base naval de Sebastopol, onde fica localizada a frota russa do mar negro.

O fim da URSS, em 1991, representou uma enorme perda de influência para a Rússia no leste europeu. O país que chegou a possuir uma área de mais de 22 milhões de quilômetros quadrados (DEWDNEY, 2013) foi desmantelado em diversas nações menores. Enquanto a Rússia estava desorganizada no início do período após Guerra Fria, a OTAN manteve sua estratégia de contenção à Rússia por meio do processo de expansão para o leste em duas ondas de novos membros: 1999 e 2004 (NATO, 2009).

Nesse período, a Rússia passou a ser ameaçada pelo cerco da OTAN (BEZERRA, 2019), que fez um cordão de isolamento desde a Estônia na saída russa para o mar Báltico até a Bulgária no mar Negro. Nesse contexto, a Ucrânia passou a ser questão de segurança nacional para Rússia e de importância estratégica para OTAN. Se a Ucrânia juntar-se à organização, conforme têm demonstrado seus líderes após a Revolução Laranja (WOLCZUK, 2005), a Rússia estará totalmente cercada na sua fronteira oeste pela OTAN, além de perder sua saída para o mar Negro. Portanto, do ponto de vista geoestratégico russo, a anexação da Criméia em 2014 e a manutenção da Ucrânia em sua esfera de influência são fundamentais para a defesa e segurança de sua nação (RÚSSIA, 2021). A invasão atual da Ucrânia era inevitável e necessária para a Rússia pela possibilidade da sua filiação à OTAN e o que isso significaria para a segurança nacional russa.

Figura 7 - Cordão de Isolamento da OTAN sobre a Rússia



Fonte: OTAN

Partindo da premissa que a Ucrânia é de importância estratégica para a Rússia e para a OTAN, pode-se concluir que o fim das hostilidades é um problema complexo e de difícil solução. Utilizando a trindade de guerra de Clausewitz como modelo para traçar as alternativas viáveis à resposta da OTAN ao conflito, verifica-se que dos três vértices dos elementos presentes na guerra propostos nessa teoria, a que causaria menor dano colateral é a representado pelo povo, neste caso, o povo russo. A derrubada de Putin por meio de ações externas dos países da OTAN tem se mostrado pouco eficaz. Apesar da campanha midiática internacional contra o presidente russo e a reprovação de suas ações contra a Ucrânia, no campo interno, seu apoio popular vem crescendo conforme observado nas recentes pesquisas realizadas pelo Centro Levada, que demonstra o aumento expressivo do apoio popular às suas ações no curso do conflito (CENTRO LEVADA, 2022).

O confronto direto com a segunda maior potência militar do planeta, possuidora de um arsenal nuclear de cerca de seis mil ogivas, também não parece uma opção viável para os países membros da OTAN. Os danos colaterais e os gastos militares seriam incalculáveis mesmo em uma guerra não nuclear. Ressalta-se, ainda, que a Ucrânia não é um país

membro da OTAN, portanto, não está sob o guarda-chuva do art. 5º do tratado de defesa mútua dessa organização (NATO, 1949).

Dessa forma, a opção viável para a resposta da OTAN ao conflito é a pressão sobre o povo russo. A imposição de sanções, boicotes e confiscos de bens de cidadãos e empresas russas fazem parte dessa estratégia. Os membros da OTAN buscam criar cisões internas no povo russo, principalmente pelo estrangulamento econômico, para criar um questionamento sobre a relevância da invasão russa da Ucrânia e as mazelas que essa ação tem causado à sua economia. Cabe ressaltar que essa é uma estratégia de longo prazo e com efeitos inesperados. Até o presente momento tem se mostrado ineficaz e, inclusive, tem causado a coesão interna russa, uma vez que seu povo está sendo isolado pela comunidade internacional. As recentes pesquisas do Centro Levada são um importante parâmetro para a OTAN analisar e reavaliar suas estratégias de resposta ao conflito entre a Rússia e a Ucrânia, pois até o presente momento o apoio às ações está crescendo dentro do povo russo.

AN ANALYSIS OF THE OCCIDENT'S RESPONSE TO THE RUSSIAN INVASION OF UKRAINE UNDER THE PRISM OF CLAUSEWITZ'S TRINITY OF WAR

ABSTRACT

The invasion of Ukraine by Russian troops in late February 2022 brought the world to the danger of a new polarity: Russia vs. Western countries led by the NATO bloc (North Atlantic Treaty Organization). Historical factors and the geographical importance of Ukraine to Russia as opposed to the sense of danger that Western nations see its territorial expansion towards Eastern Europe makes the solution to the conflict increasingly complex. Faced with this complex situation, the western nations has been adopting solutions to try to stop the Russian advance without the use of NATO's troops in support of the Ukrainian Army. This article seeks to observe the strategies adopted by Western countries, focusing on NATO members, through the analysis of the modern Clausewitzian trinity.

Keywords: Ukraine; NATO; Russia; Clausewitz; Trinity Clausewitzian.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DA UNIÃO EUROPEIA PARA A REGULAÇÃO DE ENERGIA (ACER). **Número estimado e diversidade de fontes de abastecimento 2020**. [S. l: s. n.], 2020. Disponível em: <https://aegis.acer.europa.eu/chest/dataitems/214/view>. Acesso em: 2 abr. 2022.

BERQUÓ, André Taddei Alves Pereira Pinto. **A reforma do conselho de segurança da ONU e as pretensões do Brasil**. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em ciências Jurídicas) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br>. Acesso em: 17 mar. 2022.

BERTAZZO, Juliana. Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU. **Contexto Internacional**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 91–119, jun. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292010000100003&lng=pt&tln_g=pt. Acesso em: 16 mar. 2022.

BEZERRA, Valdir da Silva. OTAN segundo a visão russa: percepções de um “Novo Cerco”. **Revista de Geopolítica**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 105–116, 26 nov. 2019. Disponível em: <http://revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/271>. Acesso em: 16 mar. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). foto do Mapa da Ucrânia. **Blog de Geografia**. 2015. 1 fotografia. 512x463 pixels. Disponível em: <https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=EShJZ6ZC&id=31906539C7F70D9BFE1D0EB48DF942509BC012DE&thid=OIP.EShJ>. Acesso em: 21 abr. 2022.

BORUSZENKO, Oksana. **A imigração ucraniana no Paraná**. Brasil: Uniporto, 1967.18p.

LEVADA CENTER. **Aprovação de instituições, índices de partidos e políticos**. [S. l: s. n.], mar. 2022. Disponível em: <https://www.levada.ru/2022/03/30/odobrenie-institutov-rejtingi-partij-i-politikov/print/>. Acesso em: 2 abr. 2022.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **On war**. [S. l.]: Princeton University Press, 1989.

TOH, Michelle et al. The list of global sanctions on Russia for the war in Ukraine. **CNN**, 8 Feb. 2022. Disponível em: <https://www.cnn.com/2022/02/25/business/list-global-sanctions-russia-ukraine-war-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 4 abr. 2022.

DEWDNEY, John C. **A geography of the Soviet Union**. 3. ed. [S. l.]: Elsevier, 2013.

DUGGAN, Joe. Russia will only use nuclear weapons if its 'existence is threatened', says Putin spokesman. **inews.co.uk**, [S. l.], 29 Mar. 2022. Disponível em: <https://inews.co.uk/news/russia-only-use-nuclear-weapons-if-existence-threatened-1544819>. Acesso em: 2 abr. 2022.

FEREZIN, Carla. Leituras de Clausewitz no Brasil: uma interpretação da trindade da guerra. **News**, [S. l.], [20--?]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25200097-Leituras-de-clausewitz-no-brasil-uma-interpretacao-da-trindade-da-guerra-1.html>. Acesso em: 6 abr. 2022.

FILHO, Paulo Roberto da Silva. **Crise na Ucrânia**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, 2022. 22 slides. Disponível em: <http://ompv.eceme.eb.mil.br/images/conter/criseru/cp.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

REINO Unido bloqueia bens de Abramovich, dono do Chelsea; venda do time e de ingressos ficam suspensos. **GLOBO**, Brasil, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/03/10/reino-unido-bloqueia-bens-de-abramovich-dono-do-chelsea.ghtml>. Acesso em: 4 abr. 2022.

GRANADOS, Javier. Ucrania, un estado y dos civilizaciones. **Dialnet**, Espanha, n. 14, p. 13, May 2007.

HERBERG, Rothe Andreas. **Clausewitz's Puzzle: the Political Theory of War**. [S. l.]: Oxford University Press, 2007. Disponível em: <https://sciarium.com/file/422457/>. Acesso em: 6 abr. 2022.

HOFFMAN, Frank G. Squaring Clausewitz's Trinity in the Age of Autonomous Weapons. **Orbis**, [S. l.], v. 63, n. 1, p. 44–63, 2019. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0030438718301066>. Acesso em: 6 abr. 2022.

HOSKING, Geoffrey A. **Russia: people and empire, 1552-1917**. [S. l.]: Harvard University Press, 1997.

KAPLAN, Lawrence S. Origins of NATO: 1948-1949. **Emory international law review**, [S. l. : s. n.], v. 34, p. 11, 2020. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/Page?handle=hein.journals/emint34&id=17&div=&collection=>. Acesso em: 2 abr. 2022.

KISSINGER, HENRY. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2015.

KUBICEK, Paul. **The history of Ukraine**. [S. l.]: ABC-CLIO, 2008.

KUMAR, Narender. Hybrid War in Ukraine Will Have Blowback Impact on Europe. **CLAWS**, [S. l.], n. 334, Mar. 2022. Disponível em: https://www.claws.in/static/IB-334_Hybrid-War-in-Ukraine-Will-Have-Blowback-Impact-on-Europe.pdf. Acesso em: 2 abr. 2022.

MACHADO, Felipe Henrique Borges. **Guerras híbridas: do KGB à Crimeia**. 2020. 98f. Dissertação (Mestre em Ciências Políticas e Relações Internacionais), Universidade Católica de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/31473>. Acesso em: 13 mar. 2022.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 421, Apr. 1904. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1775498?origin=crossref>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MILHAZES, José. **A Mais Breve História da Rússia**. [S. l.]: Grupo Leya, 2021.

MOITA, Sandro Teixeira; FRANCHI, Tássio. Os saberes da guerra: o

pensamento de Carl Von Clausewitz no Brasil (1990-2019). **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 31, 13 abr. 2021.

NASCIMENTO, Gustavo Daniel Coutinho. Os potenciais impactos da designação de Aliado Prioritário Extra-OTAN (major Non-NATO Ally-MNNA) para as Operações de Paz do Brasil no Entorno Estratégico brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA (ENABED, 9., 8 set. 2021, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, ENABED, 2022. p. 1-62. Disponível em: https://www.enabed2021.abedef.org/resources/anais/15/enabed2020/1626486101_ARQUIVO_a79c31d1a5586c80aa30e7422c273898.pdf. Acesso em: 26 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **The North Atlantic Treaty**. Washington D. C., 1949. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm. Acesso em: 2 abr. 2022.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **Nato Member countries**. [S. l.], 5 Apr. 2023. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/nato_countries.htm. Acesso em: 22 abr. 2022.

PIRANI, Simon; YAFIMAVA, Katja. **Russian Gas Transit Across Ukraine Post-2019**: pipeline scenarios, gas flow consequences, and regulatory constraints. [S. l.]: Oxford Institute for Energy Studies, Feb. 2016. Disponível em: <https://www.oxfordenergy.org/publications/russian-gas-transit-across-ukraine-post-2019-pipeline-scenarios-gas-flow-consequences-and-regulatory-constraints>. Acesso em: 2 abr. 2022.

RÚSSIA. **Estratégia de Segurança Nacional da Rússia**. [S. l: s. n.], 2021.

SIEMON, T. Wezeman. **Gastos militares da Rússia: perguntas frequentes**. [S. l. : s. d.]. Disponível em: <https://sipri.org/commentary/topical-background/2020/russias-military-spending-frequently-asked-questions>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SOUCHON, Lennart. **Strategy in the 21st century**: the continuing relevance of Carl von Clausewitz. Cham, Switzerland: Springer, 2020.

STRACHAN, Hew. A Clausewitz for every season. **The American Interest**, Reino Unido, v. 2, p. 7, 1 jul. 2007.

TREVIÑO, José María. **Escalada da tensão na Ucrânia: a Crimeia e a frota russa do Mar Negro**. Espanha: EL PAÍS, 2 mar. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/01/internacional/1393686642_822419.html. Acesso em: 26 mar 2022.

VILLACRES, Edward J.; BASSFORD, Christopher. Reclaiming the Clausewitzian Trinity. **The US Army War College Quarterly: Parameters**, United States, v. 25, n. 1, 4 July 1995. Disponível em: <https://press.armywarcollege.edu/parameters/vol25/iss1/9>. Acesso em: 2 abr. 2022.

WALCZUK, Kataryna. **Ukraine after the Orange Revolution**. Centre for Eupean Reform, London, 2005.

* Recebido em 18 de agosto de 2022, e aprovado para publicação em 09 de maio de 2023.